

POLÍTICAS PÚBLICAS

Maricá, o laboratório do PT

Sétimo PIB per capita do país, cidade está na vanguarda das ações de inclusão e transferência de renda que inspiram o governo federal

» VINICIUS DORIA

Uma gafe do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PDS), cometi-a oito anos atrás, me-xeu com os brios de uma cidade inteira. Em 2016, ao fazer uma comparação que reflete um pouco o preconceito do carioca com os municípios da Região Metropolitana da capital fluminense, Paes disse que Atibaia (SP) — pequena cidade perto de São Paulo onde fica o sítio que a Lava-Jato tentou atribuir como propriedade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva — “é como se fosse Maricá, uma m... de lugar”.

“Imagina se fosse aqui no Rio esse sítio dele (de Lula). Não é em Petrópolis, não é Itaipava, é como se fosse assim Maricá. É uma m... de lugar”, disse Paes em uma mensagem cujo sigilo havia sido quebrado pela força-tarefa de Curitiba. No dia seguinte, correu para consertar o estrago. “Meu objetivo aqui é um só, é me desculpar. É uma brincadeira de muito mau gosto, especialmente com a população de Maricá”, disse”.

O episódio provocou reações dos moradores da cidade, que é um bastião do PT e espécie de campo de provas para muitas políticas públicas defendidas pelo partido. Na época, o prefeito era o deputado federal e atual vice-presidente do PT, Washington Quaquá, que vai tentar voltar ao cargo nas eleições de outubro. A pré-candidatura dele, amparada por uma ampla frente de alianças políticas, será lançada nesta semana, na cidade. O prefeito atual, Fabiano Horta, também do PT, está finalizando o segundo mandato.

Da gafe de Paes para cá, Maricá — a 60km do Rio de Janeiro — não só ficou famosa, como conseguiu mostrar porque é uma das cidades que mais cresce no Brasil. Tem o maior PIB per capita do estado e o 7º do país (R\$ 511,8 mil) e aplica boa parte dos recursos públicos em programas sociais defendidos pela esquerda. Segundo o último Censo do IBGE, a população aumentou 54% entre 2010 e 2022, totalizando 200 mil habitantes.

A principal fonte de atração está no mar: o município é um dos que mais arrecadam royalties da extração de petróleo. A última iniciativa da prefeitura, o Mumbuca Futuro, está prestes a completar um ano de implantação e serviu de modelo para o programa Pé de Meia, do governo federal.

Desde o segundo semestre do ano passado, o município oferece uma renda fixa para alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino Médio. Como no programa federal, os alunos

Divulgação/Prefeitura de Maricá



Vista aérea de Maricá, que cresce na faixa entre o mar e a lagoa: município com mais alto PIB per capita do estado é movido pelo dinheiro dos royalties

se habilitam a uma bolsa mensal — na cidade, correspondente a R\$ 50 — e a um depósito de até R\$ 1,2 mil por ano para quem terminar o ciclo. Em sete anos, o aluno pode poupar até R\$ 12,2 mil. No Pé de Meia federal, o programa é elegível apenas para estudantes do ensino médio.

O reflexo do incentivo pode ser visto nas taxas de evasão escolar. Enquanto a média brasileira de evasão gira em torno de 6%, segundo dados de 2021 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em Maricá está perto de zero.

“Os índices de evasão em Maricá já eram muito baixos. Agora, dos alunos que participam do projeto Mumbuca Futuro, o índice tende a zero, uma evasão residual”, disse Cláudio Gimenez, diretor-presidente do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação do município. Até agora, 1,2 mil alunos estão habilitados ao auxílio, e a meta da prefeitura é chegar a 3 mil até o fim do ano.

Aulas de economia

“É o aluno que investe o dinheiro seguindo como referência as orientações dadas pelo próprio projeto sobre educação financeira, a forma aplicar”, explica Gimenez. A cada ano escolar, os estudantes têm aulas sobre conceitos de economia solidária.

No 6º ano, por exemplo, há a disciplina de consumo consciente. No 7º, agroecologia e soberania alimentar. No 8º, empreendedorismo. No ensino médio, os

temas ficam mais “cascudos”, de acordo com a coordenadora do projeto, Rayanne de Medeiros. “No fim do ciclo, (os alunos) têm que apresentar um plano econômico solidário. Eles visitam cooperativas, empreendimentos solidários, para que possam ver como é essa nova economia, que é possível investir, pensar o mundo de uma forma diferente e

Onde fica

Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Distância para a capital do estado
60kmPopulação
197,2 mil habitantesIDH
0,765 (alto)PIB per capita
R\$ 511.810,82
(7º mais alto do país e 1º do estado)

mais sustentável. Cada eixo desses é aplicado em sala de aula”, complementa. Outra diferença em relação ao programa federal está na bolsa mensal. Maricá paga com a moeda social Cumbuca (nome do rio que corta a região central da cidade), de circulação exclusiva no município, com paridade ao real: cada cumbuca

bolsonarista montado em frente ao quartel-general do Exército, em Brasília.

Aos parlamentares, George Washington negou que a tentativa de instalar uma bomba no aeroporto da capital teve relação com a depredação das sedes dos Três Poderes e com a tentativa de



Aqui não tem maldição dos royalties, têm royalties benditos. A gente se apropria de recursos tradicionais, mas usa com criatividade. Até porque essa fonte de financiamento é finita, um dia vai acabar”

Márcio Jardim, secretário de Educação de Maricá



É o aluno que investe o dinheiro seguindo como referência as orientações dadas pelo próprio projeto sobre educação financeira, a forma aplicar”

Rayanne de Medeiros, coordenadora do Mumbuca Futuro

corresponde a R\$ 1. A moeda social é totalmente digital, amplamente aceita e movimentada pelos municípios por meio de um cartão eletrônico. A moeda local circula há 10 anos no município. A poupança de R\$ 1,2 mil por ano, por sua vez, será depositada em reais em uma conta vinculada do estudante, que só poderá sacar o montante após concluir o ensino médio.

Campeã dos royalties

O programa se junta a outros, todos movidos pelo dinheiro do petróleo. No ano passado, Maricá foi o município que mais dinheiro recebeu em forma de royalties, cerca de R\$ 2,4 bilhões (13% de todos os recursos distribuídos ano passado pela exploração de petróleo e gás). Na sequência, estão mais oito cidades fluminenses: Saquarema, Macaé, Niterói, Campos, Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio e Rio de Janeiro.

Esse dinheiro ajuda Maricá a financiar a tarifa zero nos ônibus municipais, a renda básica de cidadania que beneficia 91 mil dos quase 200 mil habitantes da cidade, a ampliação da rede de creches (neste ano, serão construídas mais 10), os programas de assistência a idosos e pessoas com deficiência, além de auxílio a vítimas de eventos e desastres naturais.

“É claro que, quando você é pioneiro em uma política pública como somos aqui, e vê isso ganhar escala de dimensão nacional, é motivo de orgulho, a gente serve de referência para todo o país”, comemora o secretário de Educação de Maricá, Márcio Jardim. Ao *Correio*, ele disse que recebeu especialistas do Ministério da Educação, no ano passado, para tratar do programa de benefício aos estudantes.

Provocado pela reportagem, o secretário comentou o paradoxo de trabalhar em uma administração que privilegia a economia sustentável e solidária, mas usa recursos do petróleo — apontado como um dos principais vilões do meio ambiente, responsável pelo agravamento do aquecimento global — para se financiar. O município é, inclusive, um dos poucos do país que criaram um fundo soberano formado pelos recursos dos royalties para viabilizar investimentos. Para Jardim, essa é a resposta para a “maldição dos royalties”.

“Essa é uma riqueza que é distribuída. Aqui não tem maldição dos royalties, têm royalties benditos. A gente se apropria de recursos tradicionais, mas usa com criatividade. Até porque essa fonte de financiamento é finita, um dia vai acabar”, lembra o secretário.

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

Semiaberto para homem que instalou bomba no aeroporto

O bolsonarista George Washington de Oliveira Sousa, condenado pela tentativa de atentado à bomba no Aeroporto de Brasília, em dezembro de 2022, vai cumprir o que resta da pena em regime semiaberto. Ele foi sentenciado a nove anos e oito meses de prisão.

A juíza Francisca Danielle Vieira Rolim Mesquita, da Vara de Execuções Penais do Distrito Federal, autorizou a progressão de regime. O Ministério Público foi a favor da flexibilização.

A mudança do regime fechado para o semiaberto foi reconhecida porque ele já cumpriu um sexto da pena. Esse é o requisito estabelecido na Lei de Execução Penal.

George Washington também poderá voltar a trabalhar. Antes da prisão, ele era gerente de um posto de combustíveis.

O taxista Alan Diego dos Santos Rodrigues, condenado no mesmo processo, mas a uma

pena menor, de cinco anos de reclusão, está no semiaberto desde novembro de 2023.

A denúncia do Ministério Público do Distrito Federal atribuiu a George Washington a montagem da bomba, e a Alan Diego a instalação do explosivo em um caminhão-tanque carregado com 60 mil litros de querosene de aviação. A perícia apontou que o artefato só não explodiu por um erro de montagem.

Eles foram condenados por três crimes: expor a perigo a vida, a integridade física ou o patrimônio de outro, causar incêndio em combustível ou inflamável e porte ilegal de arma de fogo e artefato explosivo ou incendiário.

O terceiro envolvido no caso, o blogueiro e ex-assessor do Ministério dos Direitos Humanos, Wellington Macedo de Souza, foi julgado em outro processo, depois que o caso foi desmembrado, e condenado a seis anos de prisão. Ele está preso desde

Lula Marques/Agência Brasil



No regime semiaberto de prisão, George Washington de Oliveira Souza poderá voltar a trabalhar

setembro de 2023, quando foi encontrado no Paraguai, após passar quase um ano foragido.

Silêncio na CPI

Condenado a quase 10 anos de prisão pela tentativa de atentado à bomba perto do Aeroporto

de Brasília, em dezembro 2022, George Washington de Oliveira Sousa compareceu, em junho do ano passado, à CPMI do Congresso que investigou os atos antidemocráticos de 8 de janeiro. Ele manteve-se calado na maior parte do depoimento, mas admitiu que frequentou o acampamento

bolsonarista montado em frente ao quartel-general do Exército, em Brasília.

Aos parlamentares, George Washington negou que a tentativa de instalar uma bomba no aeroporto da capital teve relação com a depredação das sedes dos Três Poderes e com a tentativa de

invasão da sede da Polícia Federal, em 12 de dezembro. Mas recorreu ao direito de ficar em silêncio quando perguntado o que o motivou a planejar e tentar executar o atentado.

O taxista Alan Diego dos Santos, por sua vez, não se recusou a responder aos questionamentos dos integrantes da CPI da Câmara Legislativa que também investigou o 8 de Janeiro. Aos deputados distritais, ele culpou diretamente George Washington como mentor e executor do plano. Disse que recebeu a bomba das mãos de George e que “corre risco de vida se abrir a boca”.

“Quem aprontou a bomba foi o George Washington. Eu levei a dinamite, mas prefiro ficar em silêncio. Ninguém colocou no Aeroporto. Até então, vossa excelência não me conhece. O senhor não sabe o motivo de eu estar em Brasília. Não sabem se eu participo de alguma inteligência. Eu pedi para falar com delegados antes de entrar aqui, porque têm coisas que eu não posso falar aqui. Têm coisas que eu não posso falar porque não posso correr risco nem a minha família”, declarou, enigmáticamente, aos distritais.